



ALEXANDROS TOMBAZIS (1939-2024)

— nota do Museu do Santuário de Fátima a propósito do falecimento do Arquiteto

Vencedor do concurso lançado em 1997 pelo Santuário de Fátima para o Grande Espaço Coberto para Assembleias, Alexandros Tombazis inaugurou no Santuário da Cova da Iria a paisagem arquitetónica respeitante aos cânones preconizados pela chamada arquitetura minimalista e que bem pode ser caracterizado como arquitetura do silêncio, na esteira dos movimentos estéticos que, nos finais de Novecentos e princípios do século XXI, posicionam a arquitetura perante o debate epistemológico que defende a serenidade da paisagem construída na relação com a paisagem natural e com a escala do ser humano.

O arquiteto grego, cuja obra foi amplamente galardoada, interpretava, assim, o desejo que já desde a década de 1970 o Santuário de Fátima nutria: o de proporcionar aos seus peregrinos um espaço de celebração que pudesse reunir os fiéis de forma confortável, quer do ponto de vista estético, quer do ponto de vista teológico, quer do ponto de vista antropológico, quer do ponto de vista do bem-estar físico e psicológico.

Tombazis, munido da erudição que qualifica os seus projetos, aliou este desiderato a um outro pressuposto que bem intuiu caracterizar a ‘forma mentis’ do encomendante: a leitura eclesiológica respeitante ao II Concílio do Vaticano e a defesa do espaço centrado como imagem clara e elemento facilitador da assembleia reunida em torno do mesmo altar. Não admira, por conseguinte, que o jornal “Voz da Fátima”, ao noticiar o vencedor do concurso internacional, informasse: «a forma radial do interior do edifício garante uma boa visibilidade a todos os participantes entre si e centraliza as atenções no altar, o que confere unidade e coerência ao espaço» (“Respeito pelo espaço e pelas pessoas”, em *Voz da Fátima*, ano 77, n.º 916, 1999.01.13, p. 3).

O arquiteto grego ficou, assim, responsável por um dos espaços religiosos mais marcantes do tempo contemporâneo, sobretudo pela leitura da espacialidade preexistente e pela consequente implantação do edifício no complexo urbanístico do Santuário de Fátima, em diálogo com o Recinto de Oração, decorrente, sobretudo, das grandes vigas que prolongam o eixo longitudinal que se marca a partir da torre da basílica antiga e da delimitação — sem enclausuramento — que a igreja imprime através do alçado e da cota de nidação. Tais vigas permitem ainda que, no interior, não existam entraves visuais e que a luz natural, coada pelas telas da cobertura, apareça como protagonista do trabalho arquitetónico ancorado na investigação dos materiais que confeririam forma aos



SANTUÁRIO DE FÁTIMA
SHRINE OF FATIMA

Museu
Museum

pressupostos criativos como são exemplo o betão branco ou o uso de diferentes tipos de revestimentos no complexo edificado.

Para o resultado estético da obra de Tombazis contribuiu, outrossim, um outro diálogo, o diálogo estabelecido entre a arquitetura e as restantes disciplinas artísticas, relação estreitamente protagonizada entre o arquiteto e os diferentes artistas, portugueses e estrangeiros, todos eles de mérito internacionalmente reconhecido. Integradas pela ‘mater’ arquitetura, as obras de arte daquela basílica souberam entender a ideia de Alexandros Tombazis de querer fazer uma cidade (a própria igreja inaugurada em 2007) dentro de uma cidade maior (o santuário histórico que vinha a ser construído desde 1917). Essa cidade toma como modelo a cidade escatológica que o Apocalipse descreve e que Tombazis implantou no Santuário de Fátima, cercada pelos nomes dos Apóstolos e centrada no cordeiro pascal, uma cidade plena da luz que a sábia e serena arquitetura de Alexandros Tombazis eruditamente trabalhou, não só na Basílica da Santíssima Trindade, mas também nos alicerces do Presbitério do Recinto de Oração que o Santuário de Fátima inaugurou em 2016.

Marco Daniel Duarte

Diretor do Museu do Santuário de Fátima